



Agosto ou desgosto? Revelações do falar nortista no corpus do Projeto ALiB

August or disgust? Revelations for northern speaking in the corpus of the ALiB Project

Ana Rita Carvalho de Souza*
Universidade Federal da Bahia/ CAPES
Salvador, Bahia, Brasil

Marcela Moura Torres Paim**
Universidade Federal Rural de Pernambuco/ Universidade Federal da Bahia
Recife/Salvador, Pernambuco/Bahia, Brasil

Resumo: Neste trabalho se apresenta um dos aspectos de que se ocupa o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), o léxico do português brasileiro. Dessa forma, investiga-se a variação lexical referente à área semântica *astros e tempo*, nas capitais Macapá, Boa Vista, Manaus, Belém, Rio Branco e Porto Velho, pertencentes à Região Norte do Brasil. Com dois volumes já publicados, o Atlas Linguístico do Brasil contempla aspectos da fonética, incluindo a prosódia, do léxico e da morfossintaxe e, a partir do volume de cartas linguísticas, algumas considerações iniciais já podem ser feitas sobre a diversidade de usos vinculada a áreas específicas, mas também relacionada a fatores sociais. A metodologia empregada neste trabalho consistiu na realização das seguintes etapas: i) leitura de textos teóricos referentes ao tema proposto; ii) escolha e formação do *corpus*, constituído de inquéritos das capitais selecionadas do Projeto ALiB; e iii) análise do *corpus* a fim de verificar a variedade lexical em termos diatópicos, diastráticos e diageracionais. Dessa forma, a análise dos inquéritos investigados busca estudar itens lexicais, como, por exemplo, *mês do cachorro louco*, *mês do desgosto*, *mês junino*, *mês dos casamentos* e *mês de São João*, presentes no repertório linguístico de informantes, homens e mulheres, da faixa etária I (18-30 anos) e da faixa etária II (50-65 anos), de nível fundamental e universitário, com o intuito de verificar o registro e a documentação da diversidade lexical do português falado no Norte do Brasil, seguindo os princípios da Geolinguística Pluridimensional, seguindo os parâmetros geográficos e sociais. Toma-se como base de análise fraseológica a teoria francesa adotada por Mejrí (1997), que investiga os critérios de fixação dessas expressões e o seu uso. Para as análises de motivação semântica dos itens encontrados, busca-se aporte teórico em trabalhos como o de Ferreira e Freitas (1994). Assim, almeja-se evidenciar as comunidades de fala que fazem uso dessas lexias em seu cotidiano, como elas ocorrem, por que ocorrem, além de descrever a variedade lexical dos falares nortistas.

Palavras-chave: Região Norte. Léxico. Variação. Geolinguística.

Abstract: This paper presents one of the aspects that the Linguistic Atlas of Brazil Project (ALiB Project) deals with, the lexicon of Brazilian Portuguese. Thus, the lexical variation related to the semantic area of *stars and weather* is investigated, in the cities Macapá, Boa Vista, Manaus, Belém, Rio Branco and Porto Velho, belonging to the Northern Region of Brazil. With two volumes already published, the Linguistic Atlas of Brazil includes aspects of phonetics, including prosody, lexicon and morphosyntax and, based on the volume of linguistic

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. E-mail: anaritacarvalhodesouza@hotmail.com.

** Professora Associada II da Universidade Federal Rural de Pernambuco e professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia. E-mail: marcelamtpaim@yahoo.com.br.

maps, some considerations initial can already be made on the diversity of uses linked to specific areas, but also related to social factors. The methodology used in this research consisted of the following steps: i) reading of theoretical texts related to the proposed theme; ii) choice and formation of the *corpus*, consisting of surveys of selected capitals of the ALiB Project; and iii) analysis of the *corpus* in order to verify the lexical variety in diatopic, diastratic and diagerational terms. Therefore, the analysis of the investigated investigations seeks to study lexical items, such as *month of the crazy dog*, *month of disgust*, *junine month*, *month of marriages* and *month of Saint John*, present in the linguistic repertoire of informants, men and women, of age range I (18-30 years old) and age range II (50-65 years old), of middle school and university level, in order to verify the registration and documentation of the lexical diversity of Portuguese spoken in Northern of Brazil, following the principles of Multidimensional Geolinguistics, which follows geographical and social parameters. The French theory adopted by Meiri (1997), which investigates the criteria for fixing these expressions and their use, is used as a basis for phraseological analysis. For analysis of the semantic motivation of the items found, theoretical support is sought in works such as Ferreira and Freitas (1994). Consequently, the aim is to highlight the speech communities that make use of these names in their daily lives, how they occur, why they occur, in addition to describing the lexical variety of Northern speech.

Keywords: North Region. Lexicon. Variation. Geolinguistics.

1 INTRODUÇÃO

O modo como se nomeia as coisas ao nosso redor é alvo de investigações de ordem geossociolinguística, pois tem se observado a relação direta de aspectos sociais, em que os indivíduos estão interligados, com a seleção lexical feita por eles. Desse modo, destaca-se que o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) tem contribuído com estes estudos, no que concerne a fornecer dados coletados *in loco*, para se fazer tais pesquisas.

É importante destacar que o banco de dados do Projeto ALiB tem fomentado materiais para estudos diversos, com relação ao léxico do português do Brasil (PB), tais como:

- *Divisão dialetal* – Ribeiro (2012), Portilho (2013), Romano (2015), Santos (2016) e Santos (2018);
- *Identificação e mapeamento de tabus linguísticos* – Benke (2012), Costa (2016) e Fafina (2017);
- *Glossários dialetais* – Santana (2017), Costa (2018) e Sousa (2019);
- *Descrição lexical / Léxico regional* – Costa (2009), Yida (2011), Freitas Marins (2012), Santos (2013), Oliveira (2014), Carvalho (2015), D’Anuniação (2016), Oliveira (2016), Nunes (2017) e Sousa (2018), entre outros trabalhos feitos e em fase de desenvolvimento.

Dessa maneira, busca-se justificar a feitura deste trabalho em mais um estudo de descrição lexical do PB, mais especificamente falando da seleção fraseológica feita pelos indivíduos, quando foram entrevistados pelas equipes de dialetólogos do referido Projeto, para se referirem aos nomes especiais dados aos meses do ano.

A catalogação e a descrição dessas expressões presentes no *corpus* do Projeto ALiB surgiram do acordo firmado entre a Universidade Federal da Bahia (UFBA) e mais quatro

universidades brasileiras³, em conjunto com as universidades francesas Paris 13 e Paris Sorbonne, intitulado Projeto Valextra – Variação Lexical: teorias, recursos e aplicações: do condicionamento lexical às construções pragmáticas, produto do Projeto CAPES/COFECUB nº 838/15. Para além do acordo firmado, é preciso destacar que descrever o léxico de uma língua se configura importante, pois ele “é um instrumento de produção cultural e, ao mesmo tempo, seu reflexo, afinal ele constitui um espaço privilegiado do processo de produção, acumulação, reiteração, transformação dos sistemas de valores, visão de mundo, ideologia e práticas sociais e culturais de um grupo humano” (PAIM, 2015, p. 246).

Por isso, este trabalho reitera a necessidade de destacar as peculiaridades do PB através da descrição fraseológica feita e também da caracterização das comunidades de fala que fazem uso dessas expressões, com base em aspectos culturais e sociais específicos. Sendo assim, o artigo está dividido em cinco partes: esta introdução, que apresenta a abordagem do trabalho feita em linhas gerais. Em seguida, apresenta-se a teoria fraseológica utilizada como base do estudo desenvolvido. Detalham-se, na terceira seção, os materiais e métodos utilizados na pesquisa para, enfim, apresentar os resultados encontrados bem como as motivações semânticas que envolvem as expressões destacadas e a influência dos fatores sociais sobre tais escolhas. Por fim, serão feitas considerações acerca dos resultados encontrados.

2 FRASEOLOGISMOS NA PERSPECTIVA FRANCESA

Os estudos fraseológicos no Brasil têm crescido à medida que se torna emergente explicar determinados usos linguísticos, que comprometem a inteligibilidade entre os próprios falantes de uma determinada língua e de aprendizes dessa língua como língua estrangeira ou segunda língua. Isso acontece porque determinados usos linguísticos, como foi mencionado, são construídos e se solidificam a partir dos usos. Eles são construídos com seus usuários e sua compreensão depende, exclusivamente, do contexto em que estão inseridos. Monteiro-Plantin (2014, p. 16) afirma que “essas expressões têm encontrado algum espaço, especialmente no ensino de línguas estrangeiras, talvez por serem de difícil compreensão para os falantes não nativos de uma língua”.

Desse modo, destaca-se que a análise das unidades fraseológicas de uma língua precisa considerar os falantes e os contextos de usos específicos em que cada fraseologismo ocorre, além de observar aspectos culturais e sociais das comunidades que fazem uso dessas expressões. Para isso, adotou-se como guia para este trabalho a teoria francesa utilizada por Meiri (1997), que considera como unidade fraseológica, primeiramente, aquelas expressões que são polilêxicais, ou seja, que, necessariamente, são formadas por, pelo menos, duas palavras. Em seguida, deve-se considerar o grau de idiomatidade na língua em que elas ocorrem, ou seja, verificar o quão indissociável é cada termo que compõe a expressão.

³ Universidade Federal do Pará – UFPA, Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS e Universidade Estadual de Londrina – UEL.

É válido destacar que o critério da não composicionalidade semântica dessas estruturas é fator determinante, junto aos dois mencionados, para que ela seja considerada uma unidade fraseológica ou não, visto que “o sentido da expressão não decorre da soma do sentido de cada uma das palavras que a constituem” (MONTEIRO-PLANTIN, 2014, p. 16). Em suma, o que a autora sugere é que, quando se analisa tais expressões, o significado delas independe da soma dos seus constituintes e que, quando se retira um ou outro termo da expressão, ela deixará de figurar com a conotação semântica do conjunto. Por exemplo, na expressão *mês das flores*, que será analisada na quarta seção, se a palavra “flores” é substituída por qualquer outra palavra do mesmo campo semântico, não seria capaz de indicar a qual mês a expressão se refere. O mesmo acontece se a palavra “mês” é substituída por “dia”, por exemplo: seria impossível reconhecer que se fala de um mês específico. Mesmo assim, entender de qual mês se fala depende do contexto de uso, de quem está utilizando a expressão no processo comunicativo e de aspectos culturais e sociais que circundam os envolvidos no discurso.

Atualmente, há duas principais teorias que são utilizadas quando se analisam os fraseologismos. Uma delas é a francesa, que foi mencionada e embasa este trabalho, que parte do critério da polilexicalidade para avaliar a formação e o uso dessas expressões, e a teoria espanhola, que considera e analisa os provérbios e ditos populares.

Recorrer a um provérbio, como *mais vale um pássaro na mão que dois voando*, por exemplo, ou a uma expressão, como *entregar a alma a Deus*, implica dois tipos de motivação diferente. No caso do provérbio, o falante recorre a um texto já pronto para veicular uma verdade geral pertinente para um dado contexto de comunicação; já no caso de *entregar a alma a Deus*, a motivação é outra, o falante não quer recorrer a “morrer”, talvez para poupar o interlocutor. Assim, se um falante se serve de fraseologismos do tipo “expressão” ou “sintagma”, que predominam largamente em nosso *corpus*, para exprimir um fato dado, há motivação, isto é, ele se exprime de uma maneira estilisticamente marcada (STREHLER, 2009, p. 10).

Por conseguinte, busca-se, através de análise das motivações semânticas, explicar o uso das expressões encontradas no *corpus* do Projeto ALiB dadas como resposta à pergunta sobre os meses com nomes especiais. Mejrí (1997) se dedica ao estudo do processo de fixação (*figement*) dessas unidades, contemplando vários elementos e elucidando como unidades sintagmáticas livres tornam-se unidades sintagmáticas que não podem ser dissociadas. Sendo assim,

O processo de fixação é, com efeito, importante: ele confirma todas as dimensões do sistema linguístico (fonética, sintaxe, morfologia, prosódia, semântica etc.). Uma sequência [...] comumente empregada em conversas diárias ilustra perfeitamente o entrelaçamento de todos os níveis que acabamos de mencionar (MEJRI, 1997, p. 23).⁴

⁴ Do original: “Le figement est en effect important à plus d’une trite : il engage toutes les dimensions du système linguistique (phonétique, syntaxe, morphologie, prosodie, sémantique, etc.). Une séquence [...]”

Durante o processo de comunicação, os falantes fazem uso de combinações de palavras entre si para expressarem seus pensamentos e interajam com o meio em que vivem. Às vezes, essas combinações podem ser livres ou não. Meiri (1997) explica que essas sequências passam de livres para fixas gradualmente e quase que imperceptivelmente, chamando a atenção para a noção de *continuum* no tratamento delas, o que pode ser tomado como teoria para explicar como as unidades fraseológicas aqui analisadas se tornaram ou tornam parte do vocabulário dos falantes da região geográfica estudada.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia aplicada a este trabalho segue os princípios da Geolinguística Pluridimensional, que investiga, para além dos critérios geográficos, aspectos sociais. No aspecto geográfico, a área selecionada para investigação compreende as capitais da Região Norte brasileira (Macapá, Boa Vista, Manaus, Belém, Rio Branco e Porto Velho), pertencentes à rede de pontos do Projeto ALiB. A capital Palmas foi excluída desta pesquisa, pois o Projeto ALiB entende que ela não tem tempo de fundação suficiente para ter consolidação histórica e pais dos informantes de faixa 2 nascidos na localidade, dois dos requisitos para se realizar pesquisa no local.

Os resultados que serão apresentados na próxima seção contaram com a participação de 48 informantes distribuídos nas seis capitais estudadas e estão estratificados em sexo (masculino e feminino), faixa etária (faixa 1 – 18 a 30 anos e faixa 2 – 50 a 65 anos) e escolaridade (fundamental incompleto e universitário). Contudo, para esta pesquisa, também se consideram os pressupostos estabelecidos pelas equipes de pesquisadores do Brasil (ALiB) e da França (LDI - *Lexiques, Dictionnaires, Informatique*), para levantamento das unidades fraseológicas. O levantamento desses itens (nível lexical) foi feito na sessão “Astros e Tempo” (questões 22 a 38) do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Projeto ALiB. Desse modo, foi feito o recorte para o trabalho que está centrado apenas na questão 035 e que está assim formulada: *Alguns desses meses têm outro nome, por exemplo, junho, julho etc.?* (COMITÉ NACIONAL, 2001, p. 24).

Para tanto, seguiu-se a seguinte sequência metodológica:

- (i) Escuta dos áudios específicos do *corpus* do ALiB em questão;
- (ii) Transcrição grafemática do recorte analisado (astros e tempo);
- (iii) Colocação dos dados encontrados em planilha do *Microsoft Excel*, permitindo, assim, os agrupamentos, se necessário e a avaliação de cada caso em particular em todas as perspectivas: diatópica, diageracional, diassexual e diastrática.

Foi encontrado um total de 106 dados, dentre os quais 80 foram validados e 26 foram caracterizados como não respostas. Estes 26 dados agrupados como não respostas

couramment employéé dans la conversation de tous les jours illustre parfaitement l'imbrication de tous les niveaux que nous venons de mentionner” (tradução nossa).

foram as respostas em que os informantes alegaram ter esquecido, declararam não saber ou, ainda, aquelas em que o inquiridor esqueceu-se de formular a questão.

4 O QUE ENCONTRAMOS?

Dos 80 dados que foram validados, extraímos 37 diferentes denominações para onze dos doze meses do ano. Elas estão representadas no Quadro 1 para melhor visualização.

Quadro 1 – Denominações especiais para os meses do ano no *corpus* do Projeto ALiB

JANEIRO	FEVEREIRO	MARÇO	ABRIL
Mês do Ano Novo Mês da Plantação	Mês do Carnaval Mês da Colheita	Mês de São José Mês das Chuvas Mês da Mulher	Mês da Páscoa
MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO
Mês das Flores Mês das Mães Mês das Noivas Mês das Rosas Mês de Maria Mês dos Casamentos Mês do Trabalhador Mês do Marte	Mês das Festas Juninas Mês das Fogueiras Mês de São João Mês de São Pedro Mês do Batuque Mês do Folclore Mês do Marabaxo Mês Junino Juno	Mês das Férias Mês do Macapá Verão Mês do Carnaval fora de época Júlio César	Mês do Desgosto Mês do Cachorro Louco Mês do Inverno
SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO
Mês da Pátria	Mês do Círio		Mês do Natal Mês das Festas Natalinas Mês das Festas

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Percebe-se que todos os nomes especiais, atribuídos aos meses do ano, são compostos formados pela base “mês” mais um colocado, que lhe atribui determinada característica, geralmente alguma data comemorativa ou festejo religioso.

Ferreira e Freitas (1994, p. 67) explicam que as motivações para os meses 6º e 7º do calendário gregoriano (junho e julho) podem encontrar motivações religiosas em consequência das comemorações de São João (24/06) e Santana (26/07), porém, diferentemente do que acontece no Nordeste brasileiro, mais especificamente em Sergipe, a nomenclatura Santana não foi utilizada por nenhum informante do recorte analisado, confirmando a hipótese de que as comemorações dos padroeiros das cidades ou de santos de devoção local estimulam as denominações dadas.

Para entender como essas respostas são catalogadas, foram selecionados alguns exemplos de inquiritos em que se observa, no contexto, a vitalidade de seu uso:

Ex. 1

INQ.: Alguns desses meses, às vezes, têm outros nomes, você costuma falar? Por exemplo, junho é mês...

INF.: Tá... Aqui... Eu conheço assim, mas não falo. Diz que agosto é o **mês do desgosto**, maio é o **mês das noivas**... Fevereiro é o **mês do carnaval**, dezembro é natal e só! (Rio Branco, homem, faixa 1, universitário)

Ex. 2

INQ.: E alguns desses meses tem nome especial aqui, nome diferente?

INF.: Não!

INQ.: Não? Por exemplo, o mês de maio...

INF.: Ah... O **mês das flores**, **mês de Maria**, a gente diz que é o **mês dos casamentos**.

INQ.: Tem alguns outros meses que têm essas denominações?

INF.: Mês de junho é mês... chama **mês junino**, mês de julho, **mês das férias**, fevereiro, carnaval, dezembro, natal... (Macapá, mulher, faixa 2, universitária)

Ex. 3

INQ.: Aqui em Manaus alguns desses meses têm outro nome?

INF.: Não, que eu lembre, não!

INQ.: Para o mês de junho, julho...

INF.: Não. Não! Mas que mude o nome do mês ou alguma coisa do tipo como ele é conhecido? Por que tem aquela coisa de maio **mês das noivas**, agosto **mês do cachorro louco**, eu conheço estes, mas que mude o nome do mês... [...] (Manaus, homem, faixa 1, universitário)

Como é possível perceber nesses contextos, especificamente em que os informantes falam o nome dos meses do ano, imediatamente eles respondem que reconhecem como possíveis nomes para esses mesmos meses expressões como *mês das flores*, *mês de Maria*, *mês das noivas*, *mês do cachorro louco*, entre os outros vistos no Quadro 1. O que se precisa entender, a partir dessas respostas, é qual o grau de fixidez de cada uma no PB, o que as caracteriza como unidades fraseológicas e não somente como nomes compostos.

4.1 UNIDADES FRASEOLÓGICAS PRESENTES NO CORPUS DO PROJETO ALiB

O Projeto Valeextra – Variação Lexical: teorias, recursos e aplicações: do condicionamento lexical às construções pragmáticas, como parte do acordo CAPES/COFECUB nº 838/15 celebrado entre a UFBA, a UFPA, a UFMA, a UFMS, a UEL, a Universidade Paris 13 e a Universidade Paris Sorbonne, teve como intuito

catalogar as unidades fraseológicas encontradas no *corpus* do ALiB para, a partir disso, estudá-las embasando-se na teoria de fixação defendida por Mejri (1997).

Diante disso, as diferentes 37 palavras compostas encontradas como respostas dadas à questão 035 do QSL do ALiB passaram por análises de combinações semânticas pelas equipes de pesquisadores da LDI, na França, e do ALiB, no Brasil. Após as análises, foi possível verificar a presença de nomes especiais, considerados os mais produtivos com relação à frequência de uso, e eles estão expressos no Quadro 2, com seus respectivos percentuais de uso e a distribuição no espaço:

Quadro 2 – Nomes especiais mais produtivos e percentual de uso

NOMES ESPECIAIS	% OCORRÊNCIA	LOCALIDADES
<i>Mês do Carnaval</i>	13,8%	AP, AM, PA, AC e RO
<i>Mês das Festas Juninas</i>	12,5%	AP, RR, AM, PA, AC e RO
<i>Mês das Noivas</i>	7,5%	AP, AM, PA, AC e RO
<i>Mês do Natal</i>	6,3%	AP, AM, PA e AC
<i>Mês das Flores</i>	5,0%	AP, PA e AC
<i>Mês das Mães</i>	5,0%	RR, AM e PA
<i>Mês do Desgosto</i>	5,0%	PA, AC e RO
<i>Mês de São João</i>	3,8%	AM, PA e RO

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Pela leitura do Quadro 2, tem-se a expressão *Mês do Carnaval* como a mais produtiva com relação ao uso, pois seu percentual chegou a quase 14% do total de respostas válidas. Quanto à distribuição espacial, tem-se a expressão *Mês das Festas Juninas* como a única que foi catalogada nas seis capitais investigadas, seguida por *Mês do Carnaval* e *Mês das Noivas*, que foram encontradas em cinco das seis capitais estudadas.

Como o objetivo do estudo foi descrever aquelas expressões que já estão cristalizadas na língua, de acordo com os critérios já mencionados que compõem a teoria francesa de análise fraseológica, tem-se os seguintes fraseologismos para os meses com nomes especiais:

- ✓ Mês do Desgosto (agosto);
- ✓ Mês de São João (junho);
- ✓ Mês do Cachorro Louco (agosto);
- ✓ Mês Junino (junho);
- ✓ Mês dos Casamentos (maio).

Quanto às unidades fraseológicas apresentadas, pode-se afirmar que elas são unidades sintagmáticas livres que passam por um processo de fixação (*figement*) contínuo, tornando-se indissociadas (MEJRI, 1997), ou seja, elas passam pelo processo de fixação nas comunidades de fala que as utilizam e acabam assimilando uma acepção que não pode ser compreendida pelas partes, mas somente pelo conjunto.

Ainda sobre as unidades fraseológicas encontradas, pode-se afirmar que se trata de colocações (base + colocado), que possuem um baixo grau de idiomaticidade na língua e que são semifixas, mas, sobretudo, são expressões que estão relacionadas à cultura e ao imaginário popular.

4.2 MOTIVAÇÕES SEMÂNTICAS

Para a compreensão do uso de tais expressões pelos falantes das capitais da Região Norte brasileira, buscou-se averiguar o que motivaria esses falantes a selecionar tais expressões e as utilizar em seu repertório linguístico. Castro (2001, p. 62) afirma que “a utilização da metáfora como elemento criativo no processo de comunicação entre os homens esteve sempre presente, sendo um recurso utilizado amplamente na busca da expressividade linguística”. A autora ainda pontua que a utilização de metáforas no processo comunicativo tem sido amplamente observada na linguagem popular.

4.2.1 Maio

Maio recebe nomes diferentes, por causa de uma tradição importada dos países do Hemisfério Norte, onde a chegada do mês é celebrada com muitas flores, em homenagem à natureza que refloresce e à primavera que por lá atinge a plenitude. Ao longo dos séculos, esses elementos foram sendo associados à celebração do amor no casamento. Essa mesma ligação com as flores e a feminilidade fez com que maio, além de mês das noivas, também fosse considerado o *Mês dos Casamentos*, expressão que já está cristalizada na língua e que é amplamente utilizada, haja vista ser o mês mais disputado para as celebrações matrimoniais. Há também motivações de ordem religiosa para maio, visto que os cristãos católicos celebram nesse mês louvores a Maria, a mãe de Jesus, e também a Nossa Senhora de Fátima, em 13 de maio, o que poderia ser motivacional para essas comunidades específicas.

4.2.2 Junho

O Dia de São João é celebrado em 24 de junho por ser a data tradicionalmente atribuída ao seu nascimento. Há duas possíveis explicações para a origem do termo *Festa Junina*: pelo fato de as comemorações ocorrerem durante o mês de junho; e, segundo a outra teoria, seria uma homenagem direta a São João. No princípio, em alguns países da Europa, a festividade era chamada de Festa Joanina. Tem-se, aqui, motivação de base religiosa, que já se cristalizou na língua e é amplamente utilizada também pelas comunidades que não se consideram cristãs católicas.

4.2.3 Agosto

Mês do Cachorro Louco é um dos fraseologismos que encontra motivação no aparato cultural das comunidades que fazem uso dessa expressão. Ele pode ser explicado pelo grande aumento ou incremento de cadelas no cio no mês de agosto, em face das condições climáticas do mês, que promovem nesse período fértil muitas brigas entre os cães para conquistar suas fêmeas, provocando a proliferação da “raiva” (doença canina transmitida pela baba dos cães), que ficam agressivos e, conseqüentemente, com aparência de loucos.

Os supersticiosos alegam que agosto é o mês do azar por transmitir muita energia negativa e por isso é chamado de *Mês do Desgosto*, ou seja, um mês carregado de superstição. Em certas comunidades, é comum que as mulheres não cortem os cabelos, por acreditarem que a energia negativa do mês de agosto não permita que seus cabelos cresçam fortes e saudáveis, e ainda que não se deve casar nesse mês por herança de nossos antepassados portugueses, que partiam para o mar nesse período e as noivas ou recém-casadas passavam a viúvas se não houvesse êxito nas expedições.

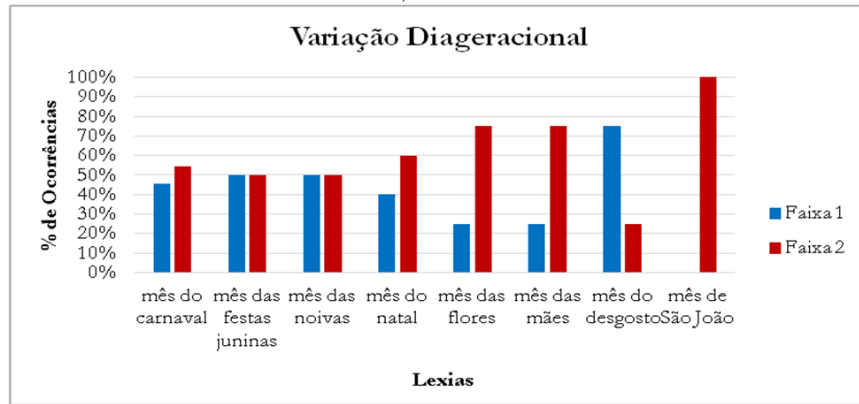
Aqui, no Brasil, tem-se uma série de eventos negativos ocorridos em agosto que sustentam a teoria de que este é um mês não favorável para tomada de decisões, entre eles o suicídio de Getúlio Vargas, em agosto de 1954, e a renúncia de Jânio Quadros, em agosto de 1961. Mas o que se observa nesse contexto é que a motivação, nesse caso, é de ordem estritamente cultural e que transpassa pelo imaginário popular ao longo dos tempos e se solidifica na língua.

4.3 FATORES SOCIAIS CONTROLADOS PELO PROJETO ALiB

Quanto aos fatores sociais controlados pelo Projeto ALiB, em sua metodologia, pôde-se observar que eles não estão diretamente ligados à seleção lexical feita pelos informantes entrevistados, mas que em um ou outro dado pode-se perceber a atuação, mesmo que sucinta, de algum aspecto favorecendo, ou não, a utilização de algumas dessas expressões.

Para melhor compreensão, apresenta-se, no Gráfico 1, a relação do fator faixa etária na distribuição das respostas encontradas:

Gráfico 1 – Variação diageracional dos nomes especiais dados aos meses do ano no Projeto ALiB



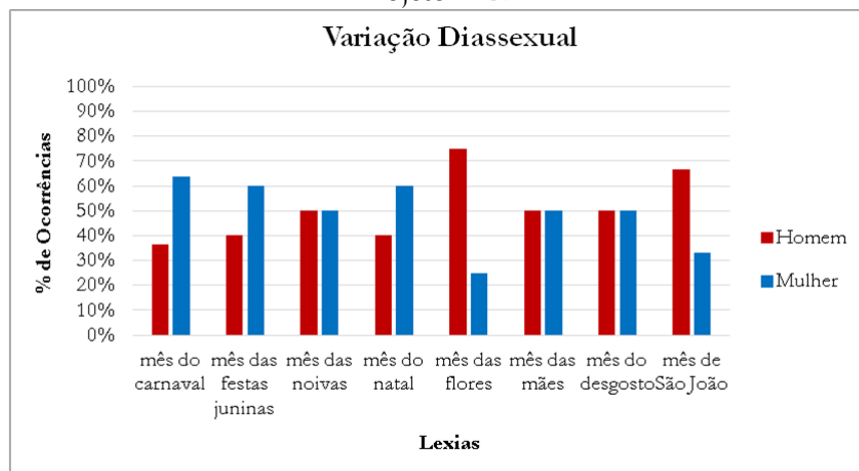
Fonte: Elaborado pelas autoras.

Ao observar o Gráfico 1, tem-se como primeira impressão que a faixa etária 2, ou seja, os informantes de mais idade, tem repertório linguístico mais amplo. Isso se confirma quando se analisam os percentuais de uso de *Mês do Carnaval*, *Mês do Natal*, *Mês das Flores* e *Mês das Mães*, ditos, por sua maioria, por informantes de faixa 2. Apenas o *Mês de São João* foi utilizado exclusivamente por informantes dessa faixa etária. O único fraseologismo que é utilizado por maioria jovem é *Mês do Desgosto*, talvez por essa expressão ser mais recente.

De acordo com Ribeiro e Loregian-Penkall (2009, p. 72), “os estudos das variações ligadas à variável faixa etária costumam retratar a idade dos fenômenos linguísticos”. Contudo, como o estudo apresentado não é exclusivamente sobre a variação diageracional observada, quanto ao uso de unidades fraseológicas específicas, resume-se a dizer que nos exemplos visualizados no Gráfico 1 não se pode afirmar que a idade dos falantes tenha sido condicionante na escolha das expressões em que se observou maioria de faixa 2. Nesse caso, essa afirmação só pode ser validada quando os dados do interior da Região Norte e de regiões vizinhas forem catalogados.

No Gráfico 2, são observados os dados estratificados pelo sexo dos informantes:

Gráfico 2 – Variação Diassexual dos nomes especiais dados aos meses do ano no Projeto ALiB



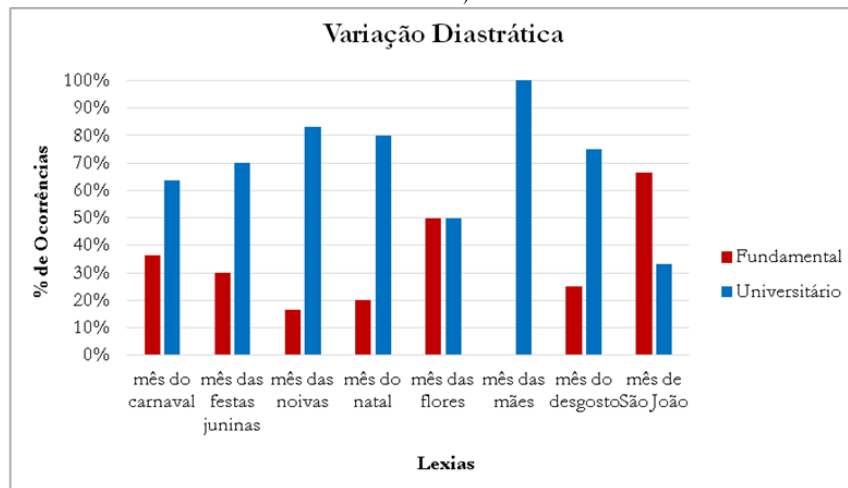
Fonte: Elaborado pelas autoras.

Através da leitura do Gráfico 2, pode-se compreender que o sexo, nesse caso, não é um fator que pode ser considerado como condicionante para a seleção desta ou daquela expressão no momento da comunicação. Vê-se um equilíbrio das respostas, mesmo em *Mês das Flores* e *Mês de São João*, em que a maior parte das respostas foi dada por homens, ou *Mês do Carnaval* e *Mês das Festas Juninas*, em que a maioria das repostas foi dada por mulheres. O percentual de respostas para cada expressão, do total de respostas dadas, indica que, mesmo nesses casos, tem-se um equilíbrio de respostas por ambos os sexos. Para tanto, vale salientar que

os resultados obtidos a partir de pesquisas sociolinguísticas revelam uma maior segurança linguística do homem, fruto da sua posição social privilegiada, que o liberta de pressões sociais impositivas de um “falar bem”. O valor social do uso da linguagem de prestígio não é para o homem o mesmo que para a mulher. (BARROZO; AGUILERA, 2014, p. 17)

No Gráfico 3, observa-se um dado diferente do que foi observado até aqui:

Gráfico 3 – Variação Diastrática dos nomes especiais dados aos meses do ano no Projeto ALiB



Fonte: Elaborado pelas autoras.

No Gráfico 3, pode-se perceber um movimento diferenciado no fator social controlado, diferente do que foi observado com a faixa etária e com o sexo. Neste caso, vê-se claramente que o nível de escolaridade do falante influencia diretamente nas escolhas lexicais feitas por ele no momento do discurso. O maior repertório sociolinguístico entre os informantes de escolaridade universitária pode se justificar pelo fato de que esses indivíduos estudaram mais e leram mais, o que lhes possibilitou ampliar o universo linguístico, devido à exposição aos bens socioculturais. Ao contrário de *Mês de São João*, que teve maioria das respostas ditas por informantes com pouca escolaridade, temos todas as respostas utilizadas, em sua maioria, por informantes com nível de escolaridade universitário e *Mês das Mães* é dito exclusivamente por informantes com esse perfil.

Silva e Santos (2018, p. 128) afirmam que “a escola, como uma força controladora da norma padrão, exerce influência significativa sobre o repertório linguístico dos indivíduos, entretanto as diferenças linguísticas, que muitas vezes são tratadas pela escola como desvios, são reflexos das diferenças sociais”. É o que se percebe com relação ao uso de unidades fraseológicas: “uma evidência da marginalização dessas unidades é que há recomendações expressas para a sua não utilização em inúmeros materiais didáticos, dedicados ao ensino de língua materna, com a justificativa de que evidenciam falta de criatividade e pobreza de vocabulário” (MONTEIRO-PLANTIN, 2014, p. 16).

Nesse caso, faz-se necessário destacar que outros aspectos precisam ser considerados, ao se trabalhar com a escolaridade. Silva e Santos (2018, p. 128) explicam que “a classe social, as oportunidades de ensino, a escolarização dos pais, os hábitos de leitura e a profissão dos pais” são alguns dos critérios que precisam ser observados e avaliados em conjunto com a escolaridade para que se tenha um retrato mais fiel da realidade de usos demonstrada, pois esses aspectos também influenciam no comportamento social dos indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados apresentados neste trabalho demonstram a contribuição dos estudos fraseológicos para a documentação e a descrição da riqueza lexical presente nas regiões brasileiras, neste caso a Região Norte. Com base na Geolinguística Pluridimensional, foi possível verificar que:

- a) Para a questão apresentada, foram encontradas 37 diferentes expressões para nomear onze dos doze meses do ano;
- b) Apesar de o mês de novembro, no calendário gregoriano, apresentar duas datas comemorativas (02/11 – Finados e 15/11 – Proclamação da República), os informantes das capitais estudadas não utilizaram essas comemorações como motivacionais no processo de nomeação do mês. Talvez esse fato se justifique pela (não) importância ou pelo (não) impacto cultural dessas datas comemorativas para o povo dessa região geográfica;
- c) A unidade fraseológica *Mês das Festas Juninas* foi a mais produtiva, do ponto de vista diatópico, sendo utilizada em todas as capitais pesquisadas, seguida das unidades fraseológicas *Mês do Carnaval* e *Mês das Noivas*, que foram documentadas em cinco das seis capitais estudadas;
- d) As variáveis sexo, idade e escolaridade revelaram números equitativos, mas que dão indícios de que pelo menos a escolaridade seja um fator condicionante se for observada, em conjunto, outra série de dados que, do ponto de vista social, são importantes.

Pode-se conjecturar que as motivações para essas escolhas são de origem, primeiramente, religiosa, histórica e cultural, marcadas pelas diversas questões do imaginário popular. Apesar de a festa de São João ser uma festividade tipicamente nordestina, observamos que o povo nortista também conhece e faz uso dessa tradição em seu universo cultural e, conseqüentemente, linguístico.

Com esta pesquisa, observou-se a utilização de fraseologismos específicos no português falado nas capitais da Região Norte (Macapá, Boa Vista, Manaus, Belém, Rio Branco e Porto Velho), com base no *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil e confirmou-se que o léxico é o nível linguístico que melhor e mais rápido expressa o dinamismo das línguas e mostra o modo de ser, de estar e de se comportar no mundo, além de exemplificar como o falar de determinadas regiões, nas perspectivas diatópica, diassexual, diageracional e diastrática, se comporta.

A análise do recorte demonstrou que, nas capitais da Região Norte, a utilização de unidades fraseológicas pela população ocorre de maneira sistemática. Muitas das formas encontradas tiveram pouca frequência, mas não podem ser consideradas menos relevantes uma vez que o estudo realizado foi baseado em amostragem, revelando, assim, um perfil de uso. As unidades fraseológicas encontradas no recorte também sinalizam que, ao invés de pobreza de vocabulário, seu uso representa parte do conhecimento linguístico do falante e que fazer uso de fraseologismos é mais comum do que se pode imaginar. Essas

expressões também nos permitem conhecer a realidade linguística brasileira, nas perspectivas apresentadas, a partir da constituição da base desse dado no campo semântico dos *Astros e Tempo*.

Finalmente, como explicitado, somente os dados das capitais não são suficientes para demonstrar comunidades de falas específicas para determinados fraseologismos. O que foi percebido é que há indícios de que a escolaridade auxilie no processo de escolha de unidades fraseológicas em determinados contextos e que somente analisando os dados das outras capitais do país pode-se confirmar essa afirmação.

REFERÊNCIAS

- BARROZO, T. A.; AGUILERA, V. A. Sexo e linguagem: uma análise a partir das sabatinas dos ministros do Supremo Tribunal Federal Joaquim Barbosa e Rosa Weber. *Revista da ABRALIN*. Campinas, v. 13, n. 1, p. 13-38, jan./jun. 2014.
- BENKE, V. C. M. *Tabus linguísticos nas capitais do Brasil: um estudo baseado em dados geossociolinguísticos*. 2012. 313f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.
- CARVALHO, P. M. O. *Relações entre léxico e ambiente: um estudo da norma lexical do Centro-Oeste do Brasil*. 2015. 224f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2015.
- CASTRO, M. L. S. Motivação semântica no léxico rural de Sergipe. *Revista de Letras*. Fortaleza, n. 23, v. 1/2, p. 59-63, 2001.
- COMITÊ NACIONAL. *Atlas linguístico do Brasil*. Questionários. Londrina: Eduel, 2001.
- COSTA, D. S. S. *Vocabulário dialetal do Centro-Oeste: interfaces entre a lexicografia e a dialetologia*. 2018. 353f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.
- COSTA, E. O. *Variação lexical nas capitais brasileiras*. 2009. 57f. Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.
- COSTA, G. B. *Denominações para “diabo” nas capitais brasileiras: um estudo geossociolinguístico com base no Atlas Linguístico do Brasil*. 2016. 212f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.
- D’ANUNCIACÃO, E. S. *Registrando o léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis em Minas Gerais*. 2016. 86f. Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

- FAFINA, D. M. *Tabu linguístico no português falado no Maranhão, na Bahia e em Guiné-Bissau*. 2017. 154f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.
- FERREIRA, C.; FREITAS, J. Junho e julho em Sergipe. In: FERREIRA, C. et al. *Diversidade do português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros*. 2. ed. Salvador: CED, 1994. p. 67-72.
- FREITAS MARINS, L. G. *O rural e o urbano: novos e velhos falares na região Centro-Oeste do Brasil*. 2012. 310f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.
- MEJRI, S. *Le figement lexical*. Descriptions linguistiques et structuration sémantique. Tunísia: Faculté des Lettres de la Manouba, 1997.
- MONTEIRO-PLANTIN, R. S. *Fraseologia: era uma vez um Patinho Feio no ensino de língua materna*. v. 1. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.
- NUNES, J; F. *Vocabulário do corpo humano nas regiões Norte e Sul do Brasil: perspectivas semântica e geossociolinguística*. 2017. 258f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2017.
- OLIVEIRA, G. C. *O léxico nosso de cada dia na Bahia e no Paraná: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo*. 2014. 230f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.
- OLIVEIRA, I. G. *Religiões e crenças na Bahia: aspectos do léxico espelhados nos dados do Projeto ALiB*. 2016. 275f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.
- PAIM, M. M. T. A emergência de identidade social de faixa etária e variação: o que revelam os dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB). In: MOTA, J. A.; PAIM, M. M. T.; RIBEIRO, S. S. C. (Orgs.). *Documentos 5: Projeto Atlas Linguístico do Brasil, avaliações e perspectivas*. Salvador: Quarteto, 2015. p. 245-253.
- PORTILHO, D. A. S. *O falar amazônico: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB*. 2013. 155f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013.
- RIBEIRO, S. S. C. *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do falar baiano*. 2012. 752f. 2v. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

- RIBEIRO, V.; LOREGIAN-PENKAL, L. O fator faixa etária e a concordância nominal na linguagem falada na cidade de Irati, PR. *ANALECTA*. Guarapuava, v. 10, n. 1, p. 69-83, jan./jun. 2009.
- ROMANO, V. P. *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil*. 2015. 285f. 2v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.
- SANTOS, G. F. S. *Os jogos e diversões infantis no corpus do Projeto ALiB: visitando o Falar Nordeste*. 2018. 207f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.
- SANTOS, L. A. *Brincando pelos caminhos do Falar Fluminense*. 2016. 199f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.
- SANTOS, L. A. *Menstruação na Bahia: um estudo em dois tempos distintos*. 2013. 52f. Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.
- SILVA, J.; SANTOS, R. L. A. A influência da escolaridade no processo de variação de concordância verbal na língua usada em Serra Talhada. *Revista a Cor das Letras*. Feira de Santana, v. 19, n. esp., Dossiê: VII Encontro de Sociolinguística, p. 124-139, mar. 2018.
- SOUSA, A. M. J. *Aspectos do Ciclo da Vida na Bahia e no Amazonas: a visão do Projeto ALiB*. 2018. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.
- SOUSA, C. C. *Vocabulário dialetal da Região Norte do Brasil: um estudo das capitais com base nos dados do Projeto ALiB*. 2019. 129f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.
- STREHLER, R. G. Fraseologismos e cultura. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. Campinas, v. 48, n. 1, p. 9-21, jun. 2009.
- YIDA, V. *O campo semântico da alimentação e cozinha no Atlas Linguístico do Brasil (ALiB): um estudo lexical nas capitais*. 2011. 191f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.